

Papa Francisco e o renovar da Renovação Carismática

Pope Francis and the renew of the Charismatic Renewal

*Leandro Rasera Adorno**

Resumo

Desde o início de seu pontificado, Francisco tem tentado ajudar a Renovação Carismática Católica a resgatar suas fontes fundacionais, dando orientações contundentes que têm provocado uma verdadeira renovação em suas dinâmicas pastorais e eclesiais. Sua insistência na retomada dos “Documentos de Malinas”, organizados pelo cardeal Léon Joseph Suenens entre os anos 70 e 80, e pouco conhecidos até então, evidenciam isso. Francisco revela, assim, seu amplo conhecimento sobre os Movimentos Carismáticos pós-conciliares. O propósito deste artigo é explicitar, de forma mais orgânica, as principais contribuições que a retomada desses documentos oferece à Renovação Carismática Católica, passados pouco mais de 50 anos de seu nascimento (1967), provocando um autêntico caminho de maturidade de eclesial.

Palavras-chave: Renovação Carismática Católica
– corrente de graça –
Documento de Malinas
– CHARIS

Abstract

Since the beginning of his pontificate, Francis has tried to aid the Catholic Charismatic Renewal in rescuing its foundational sources, by giving decisive guidelines that has brought about actual renovation in its pastoral and ecclesial dynamics. His persistence in the resumption of the “Malines Documents” organized by cardinal Léon Joseph Suenens between the 70’s and 80’s and heretofore little known, evidence this. Francis reveals thus, his extensive knowledge of the pos council Charismatic Movements. The purpose of the article is to explicit, in a more organic form, the main contributions that the reiteration of these documents offers to CCR, fifty years since its creation (1967), thus inducing a path of authentic ecclesial maturity.

Keywords: Catholic Charismatic Renewal – current of grace – Malines Documents – CHARIS

*Mestrando em Teologia Sistemática PUC-SP. Contato: pe.leandro@misericordia.com.br

Recebido em:
29.10.2020
Aprovado em
22.12.2020

INTRODUÇÃO

Em 2017 foram celebrados os 50 anos do nascimento do Movimento Pentecostal Católico (1967), que logo no início foi denominado como Renovação Carismática Católica (RCC), e se espalhou como “fogo em mato seco” (CONGAR, 1982), um “incêndio florestal impulsionado por um poderoso vento” (FARREL, 2019) dentro da Igreja, alcançando ao longo dos anos milhares de pessoas.¹

Como se sabe, a RCC emergiu como uma das primícias do Concílio Vaticano II (1962-1965), sendo uma das respostas mais evidentes aos anseios de João XXIII e dos padres conciliares de que a Igreja, impulsionada pela força do Espírito Santo, fosse conduzida para um “Novo Pentecostes”.² “Sim, em seu nível, à sua maneira e sem desconhecer aquilo que germina, brota e floresce em todos os lugares, a Renovação é uma resposta à expectativa pentecostal expressa por João XXIII” (CONGAR, 2005, p. 203, grifo nosso). Também L. J. Suenens, cardeal conciliar³ que se tornou o primeiro responsável pela RCC afirma: “Ao abrir o Concílio, o Papa João XXIII estava consciente de que a Igreja necessitava de um novo Pentecostes. Agora, olhando para trás, podemos dizer que o Concílio, indicando a sua fé no carisma, fez um gesto profético e preparou os cristãos para acolher a Renovação Carismática que está se espalhando por todos os cinco continentes” (SUENENS, 1992, p. 40).

Esse reconhecimento dado à RCC continuou nos pontificados posteriores. Paulo VI, ciente de que a Igreja “precisa de um Pentecostes perene” (PAULO VI, 1972), afirmava que o movimento carismático era uma graça (oportunidade) de levar a renovação espiritual para a Igreja e para o mundo (PAULO VI, 1975). Em seguida, João Paulo II reforçava que o surgimento da Renovação Carismática no pós-concílio foi “um dom especial do Espírito Santo à Igreja” (JOÃO PAULO II, 1992), e que o vigor e os frutos da Renovação certamente davam “testemunho

1. Estima-se 120 milhões de pessoas. Cf. ESTATUTOS CHARIS, preâmbulo. Segundo Mary Healy, presidente da Comissão Teológica do CHARIS, esse número já alcançou 150 milhões de católicos (HEALY, 2020, p. 107-108).

2. “Na véspera de sua abertura (Concílio), João XXIII convidou-nos a reler os Atos dos Apóstolos e a reviver o tempo em que os discípulos, reunidos no Cenáculo de Jerusalém, se prepararam para receber o Espírito, ‘perseverantes, numa oração unânime, com Maria, Mãe de Jesus...’ (Cf. At 1,14). O Papa pedia ao Senhor que renovasse em nossa época as maravilhas de então, ‘por um novo Pentecostes’”. (SUENENS, 1975, p.5).

3. Durante o Concílio Vaticano II, cardeal Suenens teve importante protagonismo sendo um dos quatro moderadores escolhidos por João XXIII (Cf. COMBLIN, 2008, prefácio).

da presença poderosa do Espírito Santo na Igreja durante esses anos que se seguiram após o Concílio Vaticano II” (JOÃO PAULO II, 1987). Bento XVI também reconhece que os frutos que floresceram da Renovação Carismática depois do Concílio “constituem um singular dom do Senhor e um recurso precioso para a vida da Igreja” (BENTO XVI, 2008).⁴ Ainda enquanto cardeal, Joseph Ratzinger dizia em uma entrevista à Vittorio Messori:

De fato, o período pós-conciliar pareceu corresponder bem pouco às esperanças de João XXIII, que esperava um “novo Pentecostes”. Sua oração, entretanto, não ficou sem resposta: no coração de um mundo feito árido pelo ceticismo racionalista, nasceu uma nova experiência do Espírito Santo que assumiu a amplitude de uma moção de renovação em escala mundial (MESSORI, RATZINGER, 1985, p.27-28).

Vale recordar que na véspera da abertura da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano em Aparecida (2007), Bento XVI, mesmo sem referir-se exclusivamente à RCC, convidava os católicos a “pedir, desde agora, que a vinda do Espírito Santo seja para todos como um novo Pentecostes” (APARECIDA, 2008, p. 287).⁵ Em resposta, os bispos conferencistas mencionaram várias vezes no documento final a necessidade do protagonismo do Espírito Santo na evangelização do continente latino-americano: “não temos outra felicidade nem outra prioridade senão a de sermos instrumentos do Espírito de Deus na Igreja (...) Este é o melhor serviço – o seu serviço! – que a Igreja deve oferecer às pessoas e nações” (APARECIDA 14, grifo nosso).

Ainda em 1994, a CNBB publicou o documento número 53, que não obstante as devidas reservas, reconhece que “entre os vários movimentos de renovação espiritual e pastoral do tempo pós-conciliar, surgiu a RCC que tem trazido novo dinamismo e entusiasmo para a vida de muitos cristãos e comunidades (DOCUMENTO 53, 2).

4. Joseph Ratzinger estava entre os consultores teológicos escolhidos pelo cardeal Suenens para auxiliar na elaboração da primeira reflexão teológica-pastoral sobre Renovação Carismática, em maio de 1974, intitulada de “Orientações Teológicas e Pastorais da Renovação Carismática Católica”, também conhecida como “I Documento de Malinas”, publicado no Brasil pela Edições Loyola, em 1975.

5. A propósito, os documentos das Conferências Latino-Americanas anteriores não fazem nenhuma menção à palavra “Pentecostes”, sendo que no documento de Aparecida, o termo aparece pelo menos seis vezes, e duas delas (n. 362 e n. 548), a expressão “novo Pentecostes” (DOS REIS, 2009, p.34).

Portanto, se reconhece nesta brevíssima síntese introdutória que a RCC, de forma geral, recebeu notável acolhida pela Igreja, e que “esta aprovação chegou cedo, foi maciça e partiu das mais altas esferas” (BOFF, C., 2000).⁶ Certamente isto não a tornou isenta de desvios, excessos e erros⁷ e, assim como outros movimentos eclesiais que nasceram na Igreja, o seu processo de maturação foi sempre acompanhado pela solicitude dos pastores responsáveis. Falando aos movimentos carismáticos, João Paulo II assim se exprimia:

O seu nascimento e a sua difusão trouxeram à vida da Igreja uma novidade inesperada, e por vezes até explosiva. Isto não deixou de suscitar interrogativos, dificuldades e tensões; às vezes comportou, por um lado, presunções e intemperanças e, por outro, não poucos preconceitos e reservas. Foi um período de prova para a sua fidelidade, uma ocasião importante para verificar a genuinidade dos seus carismas. *Hoje, diante de vós, abre-se uma etapa nova, a da maturidade eclesial.* Isto não quer dizer que todos os problemas tenham sido resolvidos. É, antes, um desafio. Uma via a percorrer. A Igreja espera de vós frutos “maduros” de comunhão e de empenho (JOÃO PAULO II, 1998, grifo nosso).

Também Bento XVI convidava a RCC a crescer em maturidade e responsabilidade (BENTO XVI, 2012). Contudo, embora o zeloso pastoreio dos pontífices anteriores, é Francisco quem está ajudando a RCC a compreender o significado dessa “maturidade eclesial”.

1. FRANCISCO E A RENOVAÇÃO CARISMÁTICA

Desde o início de seu pontificado, Francisco tem sido contundente em suas orientações em relação ao caminho que a RCC deve trilhar. Refletindo nelas, se poderia afirmar que, no contexto da celebração do Jubileu de Ouro do nascimento da RCC (2017), Francisco tem promovido uma verdadeira renovação

6. Em seu artigo “*Carismáticos e Libertadores na Igreja*”, Clodovis Boff cita resumidamente importantes teólogos que se posicionaram favoravelmente à RCC, dentre eles: Yves Congar, Karl Rahner, Heribert Mühlen, Walter Kasper, Joseph Ratzinger, René Laurentin, dentre outros. Vários deles contribuíram na elaboração do I Documento de Malinas, em 1974.

7. Já o I Documento de Malinas apontava alguns possíveis problemas: elitismo, acen-tuação da afetividade, excessiva importância ao dom de línguas, o não comprometimento temporal, o importar elementos do protestantismo e o risco de fundamentalismo bíblico (4). Em sua reflexão, Clodovis Boff também aponta: tendência ao paralelismo pastoral, emocionalismo, e sobretudo, a falta de compromisso social (BOFF, 2000). Em tantos outros documentos escritos sobre a RCC ao longo dos anos, sobretudo magisteriais, são sempre apontados falhas e erros que a RCC está sujeita.

desta experiência, convidando-os a “entrar numa maturidade eclesial cada vez mais profunda em relação à sua identidade e missão” (Farrel, 2019), indicando para isso passos claros que exigem uma autêntica renovação espiritual, pastoral, eclesial e também estrutural!

Cinquenta anos é um momento de vida apropriado para parar e fazer uma reflexão. É o momento da reflexão: a metade da vida. E eu diria a vocês: é o momento para seguir em frente com mais força, *deixando para trás a poeira do tempo que deixamos acumular, agradecendo por aquilo que recebemos e enfrentando o novo com confiança na ação do Espírito Santo (...)* desejo a vocês um tempo de reflexão, de *memória das origens; um tempo para deixar para trás todas as coisas juntadas pelo próprio “eu”, e transformá-las em escuta e acolhida jubilosa da ação do Espírito Santo, que sopra onde e como quer* (FRANCISCO, 2017, grifo nosso).

Raniero Cantalamessa⁸ reforça: “A Renovação Carismática precisa ela mesma se renovar (...) ‘Não se pense – escrevia Orígenes, no século III – que basta se renovar uma única vez; é preciso renovar a mesma novidade: *Ipsa novitas innovanda est*’. Não há que se surpreender com isso. É o que acontece em todo projeto de Deus no momento em que é colocado nas mãos do homem.” (CANTALAMESSA, 2019).

Antes de explicitar algumas das principais renovações iniciadas por Francisco, importa ressaltar duas características peculiares de seu pontificado que ajudam a compreender melhor o modo singular de suas orientações.

Em primeiro, ainda enquanto arcebispo de Buenos Aires, Jorge Bergoglio conheceu bem a realidade da RCC em sua diocese, tanto seus frutos bons como seus limites. Ele mesmo reconhece que, no início, não podia suportá-los e que pareciam uma escola de samba (FRANCISCO, 2013), e, portanto, se tornara um de seus primeiros opositores, proibindo inclusive os jesuítas que “se metessem nela” (FRANCISCO, 2016). Porém, depois que começou a conhecer melhor o movimento carismático, se arrependeu e foi “convertido, quando viu o bem que eles faziam” (ibidem, 2013), e expressa ter vivido “um processo de reconhe-

8. Nomeado por João Paulo II pregador da casa pontifícia desde 1980, poucos anos depois de ter conhecido a Renovação Carismática Católica (1974), e ter feito a experiência do batismo no Espírito Santo (1977), como ele mesmo relata em seu testemunho pessoal (CANTALAMESSA, 1996, p. 145-151). Atualmente exerce a função de assistente espiritual do Serviço Internacional para a Renovação Carismática Católica (CHARIS).

cimento do bem que a Renovação deu à Igreja” (ibidem, 2016). Ele também recorda que todos os anos celebrava uma missa com a Renovação Carismática na catedral em Buenos Aires (ibidem, 2013), e dos grandes encontros carismáticos organizados pelo CRECES (Encontro Fraternal de Comunhão Renovada de Evangélicos e Católicos no Espírito Santo) que aconteciam no estádio Luna Park, reunindo mais de sete mil pessoas entre fiéis católicos e evangélicos (ibidem, 2016). Esta sua experiência pessoal certamente permitiu a Bergoglio conhecer bem a RCC “por dentro”, dando a ele importantes elementos de discernimento para que posteriormente, eleito papa, pudesse intervir com tanta propriedade no caminho dos movimentos carismáticos. Isso fica ainda mais evidente pelo fato que, poucos meses antes de ser eleito papa, Bergoglio havia sido nomeado como assistente espiritual da Renovação Carismática na Argentina (FRANCISCO, 2014). Compreende-se, portanto, a afeição que Francisco tem pela RCC, como ele mesmo expressou logo no seu primeiro mês de pontificado a Dom Rino Fisichella: “escute, diga a eles que eu os amo muito porque na Argentina eu era o responsável. E por isso eu os amo muito”.⁹

Outro elemento que caracteriza a singularidade de Francisco é o fato dele ser o primeiro pontífice que não participou do Concílio Vaticano II e, portanto, diferente dos pontífices anteriores, Francisco “aceita o Concílio como um dado fundamental da Igreja de hoje, sem o compromisso de rediscutir o pós-concílio. É uma diferença fundamental. Em certo sentido, Francisco é o primeiro Papa totalmente pós-Concílio” (FAGGIOLI, 2015, p.37, grifo nosso). Sem aprofundar o mérito desta questão, será suficiente reconhecer que essa “diferença fundamental” também se verifica no modo como os pontífices se comportaram em relação à RCC: enquanto Paulo VI, João Paulo II e Bento XVI se atentaram mais ao discernimento da autenticidade desta experiência em relação ao espírito conciliar e ao seu sadio desenvolvimento, acompanhando – importante dizer – de forma mais indireta este percurso, Francisco, enquanto bispo auxiliar de Buenos Aires (1992) e depois arcebispo (1997), acolheu a RCC como um “dado fundamental da Igreja”, um movimento eclesial já reconhecido oficialmente, estabelecendo com eles, portanto, uma relação mais direta e pessoal, possibilitando a ele conhecer a RCC – poder-se-ia dizer – a partir das bases!

9. Mensagem que Dom Fisichella transmitiu na celebração eucarística durante a 36ª Assembleia Nacional Italiana da RCC na cidade de Rimini, em 30 de abril de 2013, e que, “literalmente, fez explodir de alegria os quinze mil presentes” (BRAGA, 2017, p. 91).

Que implicações estas diferenças trazem? Quais são, portanto, as orientações que concretamente Francisco tem dado à Renovação Carismática, que caracterizam enfim esta nova etapa de maturidade eclesial? Mesmo que essas orientações não sejam todas elas novas em si – algumas delas já pertencem à essência do movimento carismático desde suas origens – a novidade consiste sobretudo no destaque e relevância com que Francisco as tem apresentado. Essas orientações certamente são frutos de um processo de síntese pessoal de sua experiência feita à luz do discernimento evangélico (Cf. EG 50) sobre os sinais dos tempos, tão solicitado por ele desde o início do seu pontificado (Cf. EG 50 e GE 166-175). A seguir, serão apresentadas três orientações que parecem sintetizar, de forma geral, as principais contribuições de Francisco.

2. CORRENTE DE GRAÇA

A primeira contribuição de Francisco – e talvez a mais importante – é de ordem espiritual, ou seja, um resgate da essência genuína da Renovação Carismática. Assim afirma Francisco: “Estamos aqui reunidos crentes provenientes de 120 países do mundo, para celebrar a obra soberana do Espírito Santo na Igreja, que teve início há 50 anos e deu vida a... uma instituição? A uma organização? Não. A uma corrente de graça, uma corrente de graça da Renovação Carismática Católica” (FRANCISCO, 2017, grifo nosso). Na verdade, desde seu primeiro encontro oficial com a RCC, em 2014, Francisco já explicita de modo veemente qual a sua essência: “Vós, Renovação Carismática, recebestes um grande dom do Senhor. Nascestes de um desejo do Espírito Santo como ‘uma corrente de graça na Igreja e para a Igreja’. Esta é a vossa definição: uma corrente de graça” (FRANCISCO, 2014, grifo nosso). Reafirma também em 2015: “O rio deve perder-se no oceano. Sim, se o rio não escorre a água apodrece; se a Renovação, esta corrente de graça não acabar no oceano de Deus, no amor de Deus, trabalha para si mesma e isto não é de Jesus Cristo, isto é do maligno, do pai da mentira. A Renovação vai, vem de Deus e vai para Deus” (FRANCISCO, 2015, grifo nosso).

Francisco insiste neste “voltar as fontes” da Renovação Carismática em praticamente todos os seus encontros com a RCC, porque reconhece a importância fundamental de se distinguir a RCC enquanto uma “corrente de graça destinada e necessária para toda a Igreja” (CANTALAMESSA, 2019) e o Movimento Eclesial Renovação Carismática Católica que se consolidou e estruturou progressivamente em torno dessa corrente de graça ao longo dos anos. Apesar da estreita

relação que existe entre ambos, de tal modo que ainda permanece o risco de reduzir a corrente de graça (experiência espiritual) a um Movimento Eclesial (nível sociológico), esta distinção esteve presente desde os primórdios da Renovação, precisamente clarificada pelo cardeal Léon Joseph Suenens (1904-1996), o grande responsável em tornar a RCC acolhida oficialmente pela Igreja,¹⁰ sendo nomeado por Paulo VI como o seu primeiro conselheiro episcopal, em 1974.

Em seu discurso aos membros da Renovação no Espírito Santo da Itália, em 2015, ressaltando a necessidade de sempre recordar a memória do nascimento da RCC, Francisco, usando as palavras que o próprio cardeal Suenens – grande protetor da Renovação Carismática – registrou em seu livro de memórias (SUENENS, 2000), destaca:

Ele (Suenens) recorda a extraordinária figura de uma mulher que fez tanto no início da Renovação carismática, era a sua colaboradora que gozava também da confiança e do afeto do Papa Paulo VI. Refiro-me à Veronica O'Brien: foi ela quem pediu ao Cardeal para ir aos Estados Unidos a fim de observar o que estava a acontecer, para ver com os seus olhos aquilo que ela considerava obra do Espírito Santo. Foi então que o Cardeal Suenens conheceu a Renovação carismática, que definiu um "fluxo de graça", e foi a pessoa chave para a manter na Igreja. O Papa Paulo VI na missa de segunda-feira de Pentecostes de 1975 agradeceu-lhe com as seguintes palavras: "Em nome do Senhor agradeço-lhe por ter conduzido a Renovação carismática ao centro da Igreja". Não é uma novidade de há alguns anos, a Renovação carismática tem esta longa história e na homilia daquela mesma Missa o Cardeal disse: "*Possa a Renovação carismática desaparecer como tal e transformar-se numa graça de Pentecostes para toda a Igreja: para ser fiel à sua origem, o rio deve perder-se no oceano*" (FRANCISCO, 2015, grifo nosso).

E continua:

O Papa Paulo VI abençoou isto (corrente de graça). O Cardeal prosseguiu dizendo: "O primeiro erro que se deve evitar é incluir a Renovação carismática na categoria de movimento. Não é um movimento específico, a Renovação não é um movimento no sentido sociológico comum, não tem fundadores,

10. "La fiesta de Pentecostés de 1975, celebrada en Roma por los peregrinos de la Renovación, há quedado como la gran fecha histórica en que ésta fue acogida plenamente em la Iglesia" (SUENENS, 2000, p.292).

não é homogêneo e inclui uma grande variedade de realidades, é uma corrente de graça, um sopro renovador do Espírito para todos os membros da Igreja, leigos, religiosos, sacerdotes e bispos. É um desafio para todos nós. Não fazemos parte da Renovação, ao contrário é a Renovação que se torna parte de nós, sob condição de que aceitemos a graça que nos oferece” (Ibidem, grifo nosso).

Ao transcrever esses trechos em seu discurso, Francisco enfatiza claramente a grande relevância que a memória do cardeal Suenens deve ter para a RCC, e de como suas intuições originais devem ser um legado sempre vivo em seu caminho, sobretudo a compreensão de que a RCC não foi um movimento novo que nasceu na Igreja, mas sim um novo mover espiritual providencial que nasceu para contribuir na dinâmica de renovação eclesial (aggiornamento) suscitada pelo Concílio Vaticano II. Assim escreve Suenens logo nos primeiros anos:

Para compreender o significado da Renovação Carismática e seu verdadeiro alcance, é preciso tomar cuidado para não aplicar aí categorias fabricadas e, em particular, não ver nisso um movimento que deva ser justaposto a outros movimentos ou, pior ainda, em concorrência com estes. Na realidade não se trata disso, *mas de uma moção do Espírito para uso de todo cristão, quer seja ele clérigo ou leigo, de uma corrente de graça que passa e que leva a uma mais alta tensão consciente a dimensão carismática inerente à Igreja.* Porque todos os cristãos são carismáticos por definição; o que os distingue é a consciência mais ou menos viva que têm desta realidade fundamental necessariamente comum. Não se trata, portanto, de um movimento particular se com isso se entende uma organização estruturada e com membros filiados com alguma obrigação definida. Para ligar-se a essa corrente nem sequer é necessário associar-se a um grupo constituído de oração (1975, p.157, grifo nosso).

Ainda em suas memórias, Suenens cita uma matéria escrita sobre a RCC intitulada “A moviment that wishes to die” (Um movimento que aspira morrer), e conclui: “É exato: sua ambição é apagar-se o mais possível (...) como as águas de um rio que perde seu nome ao desembocar no mar” (Ibidem, p.159-160). A esta altura, já ficou evidente como o termo Renovação Carismática Católica é, de fato, ambíguo, e pode referir-se ora à corrente de graça, ora ao movimento que se estruturou a partir dela. Contudo, para Francisco, resgatar esta distinção fundamental compreendida por Suenens é crucial para que a Renovação Carismática possa continuar caminhando de forma madura. Assim ele explica:

Porque corrente de graça: Porque não tem fundador, nem estatutos, nem órgãos de governo. Claramente nesta corrente nasceram múltiplas expressões que, certo, são obras humanas inspiradas pelo Espírito, com vários carismas, e todas a serviço da Igreja. *Mas não se pode colocar diques na corrente, nem se pode fechar o Espírito Santo em uma gaiola* (FRANCISCO, 2017, grifo nosso).

A mensagem é clara: a RCC enquanto Movimento Eclesial não pode mais “colocar diques na corrente” nem “fechar o Espírito Santo numa gaiola”! À estes, Francisco já alertara para o perigo da “organização excessiva”; ao perigo de se tornar “controladores da graça de Deus”, acabando por se tornar “alfândegas do Espírito Santo” ao invés de “dispensadores da graça de Deus”; alertou contra a “peste” de um achar ser mais importante que o outro; contra a divisão interna, que vem do demônio: “fugi das lutas internas, por favor! Que entre vós elas não existam!” (FRANCISCO, 2014); também contra a tentação de se “considerar indispensáveis”, podendo assim escorregar num autoritarismo - quando não ditadura -, transformando em ONGs as comunidades, onde dinâmicas de poder prevalecem e a vaidade leva a pessoa a tornar-se semelhante a um “pavão”; e por fim: “não se pode dizer: ‘Nós somos a corrente denominada Renovação carismática católica e vós não’. Isto não se pode dizer. Por favor, irmãos, isto é assim, não vem do Espírito, o Espírito Santo sopra onde quer, quando quer e como quer” (FRANCISCO, 2015).

Por outro lado, Francisco tem plena convicção da necessidade que a Igreja tem da Renovação Carismática enquanto corrente de graça: “Esta corrente de graça é para toda a Igreja, não só para alguns, e ninguém de nós é o ‘dono’ e todos os outros servos. Não! Todos somos servos desta corrente de graça” (FRANCISCO, 2017, grifo nosso). Todos, portanto, tem necessidade de serem alcançados por esta corrente de graça de renovação espiritual, independentemente de seu engajamento eclesial, pastoral ou social: “La Renovación no pretende, sin embargo, aferrarse a ninguna forma o estructura, permanece abierta a todo lo que el Señor espera de ella y a las necesidades siempre nuevas de la Iglesia y del mundo” (MALINAS I, 1974, conclusões 2).

3. CHARIS

Outra importante intervenção de Francisco neste processo de “renovar a Renovação” é de ordem eclesial, diz respeito a mudanças estruturais nos organismos responsáveis pela RCC. O próprio Vaticano II atestara que “a Igreja que

reúne em seu seio os pecadores, é ao mesmo tempo santa, e sempre necessitada de purificação, sem descanso dedica-se à penitência e à renovação” (LG 8), e que “como instituição humana e terrena, a Igreja necessita perpetuamente desta reforma” (UR 6). Portanto, Francisco tem consciência de que “Ecclesia semper reformanda”:¹¹ para serem profundas e estáveis, as renovações espirituais devem ser acompanhadas também de mudanças estruturais, de uma autêntica “conversão pastoral”.¹²

Para isso, logo em 2015, Francisco propôs à RCC e demais movimentos carismáticos a criação de um serviço único em âmbito internacional que representasse perante a Igreja todas as expressões eclesiais que nasceram da corrente de graça ao longo dos anos. Começa-se assim a formação de um novo organismo de serviço que será conhecido como CHARIS (Catholic Charismatic Renewal International Service).

Se faz necessário um breve resumo histórico da estruturação da RCC para compreender a relevância dessa orientação dada por Francisco.¹³

Logo em 1972, cinco anos após o nascimento da RCC, foi criado o primeiro escritório internacional de comunicações (ICO) em Ann Arbor (EUA), com o intuito de facilitar a comunicação entre as diversas realidades carismáticas que estavam emergindo ao redor do mundo. Em 1976, a convite do cardeal Suenens, o escritório ICO foi transferido para sua diocese, em Malinas-Bruxelas (Bélgica). Em 1978, Suenens criou uma equipe de coordenação para a RCC, transformando o escritório ICO em ICCRO (Escritório Internacional da RCC). Este escritório foi transferido para Roma em 1981. Em 1985, a pedido de João Paulo II, o escritório se estabelece no Vaticano. Em 1993, o ICCRO recebe reconhecimento pontifício pelo Pontifício Conselho para os Leigos, tendo seus estatutos aprovados como organismo internacional de serviço, passando a se chamar ICCRS (Serviço Internacional para a Renovação Carismática Católica). Concomitantemente, em 1990, uma rede de comunidades carismáticas nascidas da corrente de graça

11. FRANCISCO. Mensagem de Natal à Cúria Romana, em 21 de dezembro de 2015. Disponível em: < http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/december/documents/papa-francesco_20151221_curia-romana.html>. Acesso em: 21 set. 2020.

12. Francisco reflete sobre a necessidade desta “conversão pastoral” em sua Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, sobretudo nos pontos 25-33. Ver também Documento de Aparecida 365-372.

13. Para esse histórico, será utilizado o preâmbulo dos estatutos da CHARIS, aprovado *ad experimentum* em 08 de dezembro de 2018, e entrado em vigor em 08 de junho de 2020, na Solenidade de Pentecostes.

também recebem aprovação pontifícia, tornando-se uma associação privada de fiéis intitulada “Catholic Fraternity of Covenant Communities and Fellowships”, cujo objetivo era consolidar os laços eclesiais entre si e com Roma, em prol de contribuir mais eficazmente para a evangelização.

No Vaticano, portanto, existiam dois organismos de serviço das expressões carismáticas: o ICCRS, que acompanhava o movimento eclesial Renovação Carismática Católica com seus grupos de oração, e a Catholic Fraternity (CF), integrada por comunidades de vida e de aliança nascidas da corrente de graça da Renovação Carismática, mas que não pertenciam à RCC enquanto movimento eclesial. Ambos caminharam, ao longo dos anos, de forma autônoma, com iniciativas pontuais de comunhão entre si.¹⁴

Porém, visando uma conversão pastoral mais profunda, em 2015, Francisco escreve uma carta aos responsáveis do ICCRS e da CF propondo um organismo de serviço unificado que contemplasse todas as expressões da corrente de graça:

Talvez, é chegado o momento em que a única corrente de graça, a definição não é minha, mas sim do Cardeal Suenens, como vocês sabem, tenha um único serviço internacional ampliado, aqui em Roma, onde estão representados ICCRS, Catholic Fraternity e as demais realidades em um pé de igualdade, e onde seja o Espírito Santo o único guia e condutor. Isto não significa perder a identidade, significa crescer na vida do Espírito, cada um com seu carisma próprio, em um enriquecimento mútuo todos nascidos do Espírito em uma mesma corrente de graça. Por outro lado reforçará a unidade na Renovação Carismática Internacional, que como sabem tem necessidade de reforço... Pensem e discirnam se é a isto que o Espírito Santo vos está levando 50 anos depois de a ter suscitado (FRANCISCO, 12 de junho de 2015).

Em outubro deste mesmo ano, na celebração dos 25 anos da CF, ainda sem ter recebido retorno de sua proposta, Francisco reforça: “Peço-lhes que – Catholic Fraternity e ICCRS – avancem neste caminho de comunhão” (FRANCISCO, 30 de outubro de 2015). A resposta chegará poucos dias depois: “Sua carta trouxe-nos um desafio surpreendente. Nós reconhecemos nela a orientação profética da Igreja para descobrir mais profundamente de que modo somos chamados a servir a corrente de graça da Renovação Carismática Católica (...) Este é certamen-

14. Em 2014, em vista de uma maior integração, ambos organismos decidiram compartilhar o mesmo escritório no Vaticano (Cf. FRANCISCO, 30 de outubro de 2015).

te um momento crucial na nossa história (...) dizemos-lhes na fé nosso ‘Sim’” (FRANCISCO, 09 de novembro de 2015). Inicia-se então, a preparação para este novo organismo de serviço único, um “novo tempo do Espírito Santo. É um Kairós” (Ibidem), cuja oficialização é celebrada na Solenidade de Pentecostes de 2019:

Nesta Solenidade de Pentecostes tem início uma nova etapa no caminho que a Renovação Carismática começou há 52 anos (...) Hoje agradeço, em nome da Igreja, ao ICCRS e à Fraternidade Católica a missão realizada nestes trinta anos. Traçastes o caminho e tornastes possível, com a vossa fidelidade, que o CHARIS hoje seja uma realidade. Obrigado! (...) Hoje uma coisa termina e começa outra: tem início uma nova etapa deste caminho. Uma etapa marcada pela comunhão entre todos os membros da família carismática, na qual se manifesta a presença poderosa do Espírito Santo para o bem de toda a Igreja (FRANCISCO, 2019).

A instituição do CHARIS se torna, portanto, um marco eclesial fundamental no caminho de amadurecimento desejado por Francisco à RCC, o “instrumento dado a serviço desse processo de maturidade” (FARREL, 2019).

4. OS DOCUMENTOS DE MALINAS

Por fim, outra contribuição fundamental que Francisco tem proposto neste caminho de renovação é o resgate dos chamados “Documentos de Malinas”, organizados pelo cardeal Suenens e que, mesmo tendo sido um tanto esquecidos posteriormente, posteriormente se tornaram importantes guias para a Renovação Carismática nos primeiros anos, pois neles são refletidos teologicamente diversos aspectos da corrente carismática nascente.¹⁵

El conjunto de estos Documentos tendía a mantener a la Renovación Carismática en su impulso vital renovador, separando-la de la inevitable cizaña. Era, para mí, una manera de expresar en actos lo que se pide a cada obispo en el momento de su consagración: “*Ut evellat et destruat ut aedificet et plantet*” (“Que aparte y destruya, para edificar y plantar mejor”) (SUENENS, 2000, p. 282).

15. O conjunto dos Documentos de Malinas são compostos por 6 documentos: I. Orientações Teológicas e Pastorais da Renovação Carismática Católica (1974); II. Ecumenismo e Renovação Carismática. Orientações Teológicas e Pastorais (1978). III. Renovação no Espírito e serviço ao homem (1979). IV. Renovação e poder das trevas (1982); V. Natureza e Graça, uma unidade vital (1985); IV. Um fenômeno controverso: o Repouso no Espírito (1987). No entanto, como se verá, Francisco enfatiza sobretudo os três primeiros documentos como balizas para a RCC.

Logo em seu primeiro discurso para a RCC, Francisco explicita: “Vós tendes um guia nos Documentos de Malinas, um percurso seguro para não errar o caminho” (FRANCISCO, 2014). O papa reafirma também em seu primeiro discurso à CHARIS:

Soube também que o CHARIS possui hoje os direitos de publicação dos Documentos de Malinas. O presidente ofereceu-me a versão espanhola, obrigado! Muito bem! Fazei com que sejam conhecidos! *Disse-vos em diversas ocasiões que são o “documento de acompanhamento”, a bússola da corrente de graça* (FRANCISCO, 2019, grifo nosso).

Portanto, quais são concretamente as direções que Francisco quer resgatar destes documentos? Ele mesmo explicará: “Pedistes para que vos dissesse o que o Papa e a Igreja esperam deste novo serviço, do CHARIS e de toda a Renovação Carismática (...) Estes três aspectos: Batismo no Espírito Santo, unidade do Corpo de Cristo e serviço aos pobres” (FRANCISCO, 2019, grifo nosso). Francisco relaciona esses três elementos como sínteses dos três primeiros documentos de Malinas: “Os três primeiros documentos de Malinas tocam com profundidade nestes temas, dos quais lhes falei em outras oportunidades como um guia seguro para seu agir” (FRANCISCO, 2015), afirmando que estes são o “testemunho necessário para a evangelização do mundo, à qual todos somos chamados através do nosso Batismo. Evangelização que não é proselitismo mas sobretudo testemunho” (FRANCISCO, 2019).

Não será possível neste trabalho fazer uma explanação mais profunda sobre esses três elementos, mas apenas citar alguns trechos que evidenciam mais concretamente as direções que Francisco quer dar para todas as expressões carismáticas da Igreja, ao resgatar suas fontes fundacionais.

4.1 Batismo no Espírito Santo.

Se trata de um dos temas centrais do I Documento de Malinas: “Orientações Teológicas e Pastorais da Renovação Carismática Católica” (1974), e que o próprio Suenens reconhece: “como é difícil exprimir o inexprimível” (SUENENS, 1975, p.118), pois “não é uma experiência humana, é uma intervenção divina” (CANTALAMESSA, 2003). Suenens busca, contudo, expressar a experiência de diversas maneiras: “trata-se de uma nova vinda do Espírito já presente, de uma efusão que não vem de fora, mas que jorra a partir de dentro (...) trata-se de

um jorro, de uma florescência, de uma ação do Espírito que desprende e liberta energias interiores latentes. Trata-se de uma tomada de consciência mais acentuada de sua presença e seu poder” (SUENENS, 1975, p.118). No entanto, mais do que definições, é o próprio testemunho de Suenens que melhor traduz o que significa tal experiência:

Deu uma nova juventude a minha fé nele (Espírito Santo), neste momento que, vendo cristãos que tomavam os Atos dos Apóstolos ao pé da letra, fui obrigado a interrogar-me mais a fundo sobre a autenticidade de minha fé e a descobrir que eu acredito na ação do Espírito Santo, mas num raio limitado porque o Espírito Santo não podia tocar todas as teclas do órgão em mim, visto que certos tubos haviam permanecido sem uso (...) Acreditava nos dons e carismas do Espírito; todavia, certo número deles estavam praticamente fora de uso na vida cotidiana da Igreja e na minha. Despertando minha fé adormecida no Espírito em ação em todos os carismas sem exceção, a renovação obrigava-me a fazer certas perguntas precisas. Será que eu esperava verdadeiramente que ainda em nossos dias o Espírito Santo falasse e agisse através dos carismas da profecia, da cura, da interpretação, dos milagres? (...) Descobri que não acreditava verdadeiramente com todas as minhas forças na promessa do Mestre ao assegurar aos seus de que os discípulos dele fariam coisas maiores do que ele mesmo, porque seu Espírito as faria neles (cf. Jo 14,12) (Ibidem, 1975, p.303-307).

Apesar das inúmeras reservas e preconceitos que a experiência do batismo no Espírito Santo suscitou ao longo dos anos, Francisco, mais do que os pontífices anteriores, tem insistido com veemência para que os movimentos carismáticos continuem levando esta experiência a toda a Igreja: “Espero que compartilheis com todos na Igreja a graça do Batismo no Espírito Santo (expressão que se lê nos Atos dos Apóstolos)” (FRANCISCO, 2014). Ele entende que esta experiência é o fruto mais forte da corrente de graça: “Qual é o sinal comum daqueles que renasceram desta corrente de graça? Converter-se em homens e mulheres novos, isto é o Batismo no Espírito. Peço-vos para ler João 3,7-8, Jesus a Nicodemos, o renascimento no Espírito” (FRANCISCO, 2015, grifo nosso). O apelo de Francisco se estende inclusive às pessoas em situação de rua, pois “também eles têm o Espírito Santo dentro que estimula, para que alguém, de fora, abra a porta” (Ibidem). Para além dos limites e equívocos, Francisco sabe quão grande reavivamento e fecundidade trouxe para a Igreja tal experiência:

Homens e mulheres renovados que, depois de terem recebido a graça do Batismo no Espírito, como fruto desta graça deram vida a associações, comunidades de aliança, escolas de formação, escolas de evangelização, congregações religiosas, comunidades ecumênicas, comunidades de ajuda aos pobres e necessitados (Ibidem).

4.2 Ecumenismo.

Tema capital sobretudo a partir do Concílio Vaticano II, e de grande apreço ao cardeal Suenens, que escreve o II Documento de Malinas “Ecumenismo e Renovação Carismática. Orientações Teológicas e Pastorais” (1978), para “mostrar cuál es la aportación específica que la Renovación Carismática puede proporcionar al movimiento ecuménico, que tiende a reunir de nuevo a los cristianos divididos” (II MALINAS, prefácio). Francisco, portanto, recordando tal “visão profética e ecumênica” de Suenens (FRANCISCO, 2016), continuamente incentiva os membros das expressões carismáticas da Igreja a se empenharem neste caminho, “visando pôr em comum as muitas coisas que nos unem, e que são seguramente mais do que aquelas que nos dividem” (TMA 16). Francisco sabe que a própria experiência denominada “corrente de graça”, da qual nasceu a RCC, é ecumênica: “Obra que nasceu... católica? Não. Nasceu ecumênica! Nasceu ecumênica porque é o Espírito Santo quem cria a unidade e é o mesmo Espírito Santo que deu a inspiração para que fosse assim! É importante ler as obras do cardeal Suenens sobre isto: é muito importante!” (FRANCISCO, 2017). Também sobre este ponto, Francisco insiste em praticamente todos os seus principais encontros com a RCC. Eis algumas citações bem contundentes:

Há outro sinal forte do Espírito na Renovação carismática: a busca da unidade do Corpo de Cristo. Vós carismáticos tendes uma graça especial para rezar e trabalhar pela unidade dos cristãos, porque a corrente de graça atravessa todas as Igrejas cristãs. A unidade dos cristãos é obra do Espírito Santo e devemos rezar juntos. O ecumenismo espiritual, o ecumenismo da oração. “Mas, padre, eu posso rezar com um evangélico, com um ortodoxo, com um luterano?” — “deves, deves! Recebeste o mesmo Batismo”. Todos nós recebemos o mesmo batismo, todos nós estamos no caminho de Jesus, queremos Jesus. Todos nós fizemos estas divisões na história, por tantos motivos, mas não bons. E agora chegou o momento no qual o Espírito nos faz pensar que estas divisões não podem continuar, que estas divisões são um contratestemunho, e devemos fazer o possível para andar juntos: o ecume-

nismo espiritual, o ecumenismo da oração, o ecumenismo do trabalho, mas ao mesmo tempo da caridade, o ecumenismo da leitura da Bíblia juntos (...) Esta corrente de graça atravessa todas as confissões cristãs, todos nós que cremos em Cristo. A unidade antes de tudo na oração. O trabalho pela unidade dos cristãos começa com a oração. Rezemos juntos (FRANCISCO, 2015).

O ecumenismo de sangue é também repetidamente lembrando por Francisco:

Aqueles que matam os cristãos, antes de os assassinar não lhes perguntam: “És ortodoxo? És católico? És evangélico? És luterano? És calvinista?”. Não. “És cristão?” — “Sim”: degolam imediatamente. Hoje há mais mártires do que nos primeiros tempos. E este é o ecumenismo do sangue: un-nos o testemunho dos nossos mártires de hoje. O sangue cristão é derramado em diversos lugares do mundo! Hoje é mais urgente do que nunca a unidade dos cristãos, unidos por obra do Espírito Santo, na oração e na ação em prol dos mais débeis. Caminhar juntos, trabalhar juntos. Amar-nos. Amarnos. E juntamente procurar explicar as diferenças, chegar a um acordo, mas a caminho! Se permanecermos parados, sem caminhar, nunca, nunca concordaremos. É assim, porque o Espírito nos quer a caminho (FRANCISCO, 2017).

A busca por esta “diversidade reconciliada”¹⁶ vinda com força desde o Vaticano II, fomentada por todos os pontífices posteriores e agora por Francisco, ainda tem uma boa jornada a percorrer. Contudo, como afirma Francisco, esta obra é fruto, acima de tudo, da ação do Espírito Santo. Assim como recordava Suenens: “o cardeal Bea disse uma vez que a única via para podermos entrar na porta da unidade é sobre nossos joelhos. Estou de acordo” (SUENENS, 1992, p. 33).

4.3 Serviço aos pobres.

A última direção dada por Francisco vem de encontro a uma das grandes críticas dirigidas à RCC ao longo dos anos: a falta de compromisso social com os mais necessitados. O III Documento de Malinas, “Renovação no Espírito e

16. “Esta palavra não é minha, não é minha. É de um irmão luterano” (FRANCISCO, 2017).

Serviço ao Homem” (1979) escrito por Suenens junto com Dom Helder Câmara,¹⁷ tinha o intuito de “insistir en la necesidad de que la oración desemboque en la acción, tanto en el plano social como en el apostólico. Es preciso hacer que obre nuestra oración” (SUENENS, 2000, p.371).¹⁸

Pensamos que, ao nos exprimirmos juntos, nestas páginas, a respeito de dois pontos de destaque que determinam hoje categorias entre cristãos – os “engajados” e os “carismáticos” –, poderíamos talvez ajudar a superar certos particularismos anemizantes, e aproximar “aquilo que Deus uniu”: o primeiro e o segundo mandamento. No nosso entender, um cristão que não fosse “carismático” – no sentido amplo da palavra, isto é, disponível ao Espírito e dócil às suas moções – seria um cristão que perdeu de vista o seu batismo: E um cristão que não fosse “social” seria um cristão mutilado, desconhecendo os imperativos do evangelho (SUENENS, 1979, p.7).

Portanto, o comprometimento social pertence ao “patrimônio original” da RCC, apesar da preeminência da renovação espiritual.¹⁹ E Francisco quer resgatar isso! Na celebração do Jubileu de Ouro da RCC, ele cita nominalmente a obra de Suenens e Helder Câmara: “O terceiro documento de Malinas, ‘Renovação Carismática e Serviço ao Homem’, escrito pelo cardeal Suenens e pelo bispo Hélder Câmara, é claro: renovação carismática e também serviço ao homem” (FRANCISCO, 2017), e em sua mensagem à CHARIS, neste ano, insiste: “O terceiro documento de Malinas, escrito nos anos 70 pelo Cardeal Suenens e pelo Bispo Hélder Câmara, intitulado: Renovação carismática e serviço ao ho-

17. Ambos nutriam profunda amizade entre si. Em suas memórias, Suenens dedica ao menos dois momentos para falar de sua amizade com Dom Helder: “El nombre de dom Helder Cámara me trae a la memoria muchos recuerdos. Nuestra amistad empezó desde los primeros días del Concilio (...) después del Concilio traje consigo repetidos contactos con dom Helder, así como la redacción em común del libro *Renovación em el espíritu y servicio del hombre* (número 3 de los ‘Documentos de Malinas’)” (SUENENS, 2000, p. 222-223). E também: “El entrañable Helder es un ‘poeta’ de pies a cabeza. Me contó incluso uno de sus sueños... Afortunadamente, tiene un gran sentido del humor. Y qué santidad!” (Ibidem, p.267).

18. Importa também destacar a obra de Caetano Tillesse “*A Teologia da Libertação à luz da Renovação Carismática*” (1978), padre belga que em 1968 veio morar em Fortaleza, realizando um grande trabalho social entre os mais pobres junto com seminários carismáticos. Esta obra foi um dos primeiros escritos relevantes sobre a relação da RCC com a Teologia da Libertação (TILLESSE, 1978).

19. “La Renovación ve, en la enseñanza social de la Iglesia, un signo evidente de que el Espíritu llama a estar activamente presente en la promoción de la justicia y de la paz para todos los hombres. Los que están ya comprometidos en programas de reforma social descubren que la Renovación los pone al servicio de los demás en un nivel más esencial” (I MALINAS, conclusões, 5).

mem, indica este caminho para a corrente de graça. Sede fiéis a este apelo do Espírito Santo!” (FRANCISCO, 2020).

A Igreja, como vem afirmando com veemência desde o Concílio Vaticano II, é ciente dos vínculos profundos que existem entre a evangelização e a promoção humana (EN 31), e Francisco sabe que, se por um lado, “evangelizar é tornar o Reino de Deus presente no mundo” (EG 176), por outro, é “importante redescobrir o Espírito como Aquele que constrói o Reino de Deus no curso da história” (TMA 45). Portanto, Francisco reconhece que “se hoje a RCC não aparece ainda como libertadora, não é por questão de erro que precisa corrigir, mas de falhas que se devem preencher” (BOFF, C., 2000), e é justamente preencher as falhas do compromisso com os pobres que Francisco deseja ao indicar com tanta insistência o terceiro Documento de Malinas.²⁰

CONCLUSÃO

O cardeal Suenens recorda certa vez que foi interrogado por um jornalista: “Por que o senhor é um homem de esperança, apesar da confusão reinante em nossos dias?” E ele responde: “Porque creio no Espírito Santo” (SUENENS, 1975, p.10). Passados mais de quarenta anos a pergunta continua atual, e hoje, mesmo sem dizê-lo explicitamente, é Francisco quem tem afirmado com sua vida ser um homem de esperança, por sua profunda confiança no Espírito Santo. Atesta isso o reconhecimento que Francisco tem demonstrado às inúmeras expressões carismáticas da Igreja desde o início de seu pontificado, como sendo importantes instrumentos de uma poderosa corrente de graça do Espírito Santo que conduz a Igreja à um contínuo reavivamento espiritual. “A Igreja precisa de seu Pentecostes perene; ela precisa de fogo em seu coração, palavras em seus lábios, profecia em seus olhos” (PAULO VI, 1972),²¹ e Francisco, na linha de seus antecessores, reconhece que tais expressões carismáticas são “um dos sinais do restabelecimento de Pentecostes como parte da vida da Igreja” (CORDES, 1999, p.20), e “um dos frutos mais significativos daquela primavera da Igreja já

20. Assim também concorda Leonardo Boff, quando diz que a RCC “mostra uma paixão poderosa por Deus e pelo Espírito, mas não conseguiu ainda articulá-la adequadamente com a paixão pelo pobre e pelo Espírito como *pater pauperum*, pai dos pobres. *Quando ocorrer essa convergência, terá alcançado a sua plena maturidade evangélica*” (BOFF, L., 2009, p.126, grifo nosso).

21. “Juan XXIII abrió una ventana, Pablo VI acaba de abrir la puerta”. Assim se expressou um dos líderes protestantes presentes na celebração de Pentecostes presidida por Paulo VI em 1975, considerada o marco do acolhimento oficial da RCC pela Igreja (SUENENS, 2000, p.296).

preunciada pelo Concílio Vaticano II” (JOÃO PAULO II, 1998).

Ciente, porém, de que elas estão inseridas numa dinâmica de amadurecimento eclesial até revelarem “a sua positiva eficácia para o Reino de Deus, que age no hoje da história” (JOÃO PAULO II, 1996), depois de pouco mais de cinquenta anos de seu nascimento, Francisco tem fomentando o resgate de suas fontes originárias, para darem com ainda mais vitalidade a contribuição imprescindível para a qual vieram: levar a toda a Igreja o Batismo no Espírito Santo! (FRANCISCO, 2014). Isso porque Francisco sabe que todos os movimentos eclesiais suscitados pelo Espírito “aspiram a morrer” (SUENES, 1975, p.159), a desaparecer no oceano da Igreja (FRANCISCO, 2015), assim como sabe que no futuro novas expressões carismáticas surgirão. Acima de tudo sabe, porém, que a corrente de graça que flui ininterruptamente do Espírito Santo movendo a Igreja, permanecerá sempre viva, pois “a dimensão carismática é imperecível (...) sempre teve passado... sempre terá futuro” (BOFF, L. 2009, p.126).

E por fim, Francisco não apenas tem resgatado as fontes fundacionais da RCC, mas de certa forma, também tem providencialmente concretizado os sonhos que Suenens trazia em seu coração acerca do futuro da Renovação Carismática no terceiro milênio:

Que el río desague en el mar y que todo esto se convierta em bien común de todos; Que se deje de hablar de la Renovación como de un ‘movimiento’ junto a otros movimientos, y que se hable de ‘moción’ o de ‘soplo’ del Espíritu; Que se vuelva a descubrir el secreto de Pentecostés, misterio de conversión (*ad intra*) y de apostolado (*ad extra*); Y que se deje de tener miedo de los símbolos del viento, que sacude la casa – aunque sin estremecerla -, y del fuego, que se enciende a partir de una chispa (SUENENS, 2000, p.373).

Referências

- BENTO XVI. Discurso aos representantes das Novas Comunidades em 31 de outubro de 2008. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2008/october/documents/hf_ben-xvi_spe_20081031_carismatici.html>. Acesso em: 21 set. 2020.
- BENTO XVI. Discurso aos participantes do encontro promovido pelo movimento Renovação no Espírito em 26 de maio de 2012. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2012/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20120526_rinnov-spirito.html>. Acesso em: 21 set. 2020.

- BOFF, Clodovis. Carismáticos e libertadores na Igreja. *Revista Eclesiástica Brasileira*. Petrópolis, vol. 60, n. 237, 2000.
- BOFF, Leonardo. *Ética da Vida. A nova centralidade*. Rio de Janeiro: Record, 2009.
- BRAGA, Eduardo. *O Papa Francisco e a Renovação Carismática Católica*. Rio Bonito: ECU, 2017.
- CANTALAMESSA, Raniero. Discurso para CHARIS: A Renovação Carismática, uma Corrente de Graça para toda a Igreja, em 06 de junho de 2019. Disponível em: <<https://www.charis.international/pt/a-renovacao-carismatica-catolica-uma-corrente-de-graca-para-toda-a-igreja/>>. Acesso em: 21 set. 2020.
- CANTALAMESSA, Raniero. Entrevista a agência Zenit em 20 de setembro de 2003. Disponível em: <<https://www.rccvicosa.com/entrevista-com-o-padre-raniero-cantalamezza/>>. Acesso em: 21 set. 2020.
- CANTALAMESSA, Raniero. *Ungidos pelo Espírito*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- COLEÇÃO O NOVO PENTECOSTES. *Paulo VI e a Renovação Carismática*. São Paulo: Edições Loyola, 1978.
- COMBLIN, José. "Prefácio". In: CAMARA, Helder. *Circulares Conciliares I – Tomo 1. Pernambuco: CEPE, 2008*.
- CONGAR, Yves. *Ele é o Senhor e dá a vida*. São Paulo: Paulinas, 2005.
- CONGAR, Yves. *Revelação e experiência do Espírito*. São Paulo: Paulinas, 2005.
- CORDES, Paulo Josef. *Reflexões sobre a Renovação Carismática Católica*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- DOCUMENTOS DA CNBB Nº 53. *Orientações Pastorais sobre a Renovação Carismática Católica*. São Paulo: Paulinas, 1994
- DOCUMENTOS DE MALINAS. 1874-1987. Disponível em: <<https://gloria.tv/post/L21brAkcY9rd1GkfxCMZiK>
www>. Acesso em: 28 set. 2019.
- DOCUMENTOS DO CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Constituição Dogmática LUMEN GENTIUM*. São Paulo: Paulus, 1997.
- DOCUMENTOS DO CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Decreto UNITATIS REDINTEGRATIO*. São Paulo: Paulus, 1997.
- DOCUMENTO DE APARECIDA. *Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. São Paulo: Paulus, 2008.
- ESTATUTO CHARIS. Dicasterium Pro Laicis, Familia et Vita. Prot. Nº: 2018/225.

Data: 07/03/2018. Posição: II/20.

DOS REIS, Reinaldo Bezerra. *Escutai o Espírito Santo*. Porto Alegre: Editora RCC Brasil, 2009.

FAGGIOLI, Massimo. Francisco: o primeiro papa totalmente pós-concílio. *IHU ONLINE*. São Leopoldo, ed. 465, 18 maio 2015. Disponível em: <<http://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao465.pdf>>. Acesso em: 21 set. 2020.

FARRELL, Kevin. Discurso ao CHARIS: Nascimento do CHARIS e Importância para a RCC, em 06 de junho de 2019. Disponível em: <<https://cernebrasil.wordpress.com/2019/06/17/discurso-do-cardeal-kevin-farrell-ao-charis-nascimento-do-charis-e-importancia-para-a-rcc/>>. Acesso em: 21 set. 2020.

FRANCISCO. *Exortação Apostólica EVANGELII GAUDIUM*. São Paulo, Edições Loyola, 2013.

FRANCISCO. Carta do ICCRS e Catholic Fraternity ao Papa Francisco por ocasião do Ato de Constituição do Serviço Único, em 29 de Maio de 2017. Disponível em: <<https://cernebrasil.wordpress.com/2019/05/29/carta-do-iccrs-e-catholic-fraternity-ao-papa-francisco/>>. Acesso em: 21 set. 2020.

FRANCISCO. Carta pessoal aos presidentes do ICCRS e da Catholic Fraternity em 12 de junho de 2015. Disponível em: <<https://cernebrasil.wordpress.com/2019/05/29/carta-do-santo-padre-aos-presidentes-de-iccrs-e-catholic-fraternity/>>. Acesso em: 21 set. 2020.

FRANCISCO. Carta do ICCRS e Catholic Fraternity ao Papa Francisco, em 09 de novembro de 2015. Disponível em: <<https://cernebrasil.wordpress.com/2019/05/29/carta-do-iccrs-e-catholic-fraternity-ao-papa-francisco/>>. Acesso em: 21 set. 2020.

FRANCISCO. Coletiva de imprensa no voo de volta da Suécia em 01 de novembro de 2016. Disponível em: <<https://cernebrasil.wordpress.com/2019/05/29/o-santo-padre-fala-sobre-os-50-anos-da-rcc-na-coletiva-de-imprensa-retornando-da-suecia/>>. Acesso em: 21 set. 2020.

FRANCISCO. Discurso aos participantes da Conferência do CHARIS em 8 de junho de 2019. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/june/documents/papa-francesco_20190608_charis.html>. Acesso em: 21 set. 2020.

FRANCISCO. Discurso aos participantes do 37º encontro Nacional da Renovação Carismática Católica em 01 de junho de 2014. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/june/documents/papa-francesco_20140601_rinnovamento-spirito-santo.html.

Acesso em: 21 set. 2020.

FRANCISCO. Mensagem a Fraternidade Católica de Comunidades e Associações Carismáticas de Aliança no 25º Aniversário da Aprovação Pontifícia, em 30 de outubro de 2015. Disponível em: <<https://cernebrasil.wordpress.com/2019/05/29/mensagem-do-santo-padre-a-fraternidade-catolica-das-comunidades-e-associacoes-carismaticas-em-seu-25-aniversario-de-aprovacao-pontificia-vaticano-30-de-outubro-de-2015/>>. Acesso em: 21 set. 2020.

FRANCISCO. Mensagem de Natal à Cúria Romana, em 21 de dezembro de 2015. In: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/december/documents/papa-francesco_20151221_curia-romana.html>. Acesso em: 21/09/2020.

HEALY, Mary; CLARK, Randy. *Manual de Dons Espirituais*. São José dos Campos: Editora ComDeus, 2020.

JOÃO PAULO II. *Carta Apostólica TERTIO MILLENNIO ADVENIENTE*. São Paulo: Edições Loyola, 1994.

JOÃO PAULO II. Discurso aos membros do Conselho do Escritório Internacional da RCC em 14 de março de 1992. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/it/speeches/1992/march/documents/hf_jp-ii_spe_19920314_charismatic-renewal.html>. Acesso em: 21 set. 2020.

JOÃO PAULO II. Discurso aos participantes do VI Congresso Internacional da RCC em 15 de maio de 1987. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/it/speeches/1987/may/documents/hf_jp-ii_spe_19870515_assemblea-carismatici.html>. Acesso em: 21 set. 2020.

JOÃO PAULO II. Mensagem aos participantes do I Congresso Internacional dos Movimentos Eclesiais em 27 de maio de 1998. Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/laity/documents/rc_pc_laity_doc_27051998_movements-mes-hf_po.html. Acesso em: 21 set. 2020.

JOÃO PAULO II. Vigília de Pentecostes em 25 de maio de 1996. Disponível em: <https://neocatechumenaleiter.org/pt-br/palavras-dos-papas/sao-joao-paulo-ii/vigilia-de-pentecostes-na-praca-sao-pedro-com-o-santo-padre-joao-paulo-ii-para-a-abertura-da-missao-citadina-por-ocasio-do-grande-jubileu-do-ano-2000-25-5-1996/>. Acesso em: 21 set. 2020.

MESSORI, Vittorio; RATZINGER, Joseph. *A fé em crise?* São Paulo: EPU Pedagógica e Universitária, 1985.

PAULO VI. Audiência com a Renovação Carismática Católica em 19 de maio

de 1975. Disponível em: <http://querigma.com/discours-du-pape-paul-vi-aux-participants-au-iiieme-congres-international-du-re-nouveau-charismatique-catholique/>. Acesso em: 21 set. 2020.

PAULO VI. Audiência geral em 29 de novembro de 1972. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/paul-vi/it/audiences/1972/documents/hf_p-vi_aud_19721129.html>. Acesso em: 21 set. 2020.

PAULO VI. *Exortação Apostólica EVANGELII NUNTIANDI*. São Paulo: Paulinas, 2011.

SUENENS, Léon Joseph. *et al. A experiência de Pentecostes. A Renovação Carismática na Igreja Católica*. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

SUENENS, Léon Joseph; CÂMARA, Dom Helder. *Renovação no Espírito e serviço ao homem*. São Paulo: Edições Paulinas, 1979.

SUENENS, Léon Joseph. *O Espírito Santo nossa esperança*. São Paulo: Edições Paulinas, 1975, p.5.

SUENENS, Léon Joseph. *Recuerdos y esperanzas*. Valencia (Espanha): EDICEP C.B, 2000.

TILLESSE. Caetano Minette. *A Teologia da Libertação à luz das Renovação Carismática*. São Paulo: Edições Loyola, 1978.